

# "SE NÃO PISAMOS TERRA NÃO HÁ ONDE ENRAIZAR UMA PERSPECTIVA DE ESPERANÇA". ENTREVISTA COM GUSTAVO GUTIÉRREZ<sup>1</sup>

*"If we don't walk on the ground, there's nowhere to root a perspective of hope".  
Interview with Gustavo Gutiérrez*

Iraneidson Santos Costa  
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil.

## Informações da entrevista

Recebido em 30/06/2024

Aceito em 12/08/2024

doi>: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2024.n262.p573-591>

Copyright (c) 2024 Iraneidson Santos Costa.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](#).

Você é livre para:

*Compartilhar* — copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato.

*Adaptar* — remixar, transformar e construir sobre o material para qualquer finalidade, mesmo comercialmente.

## Como ser citado (modelo ABNT)

COSTA, Iraneidson Santos. "Se não pisamos terra não há onde enraizar uma perspectiva de esperança". Entrevista com Gustavo Gutiérrez. **Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades**. Salvador/Recife, v. 49, n. 262, p. 573-591, maio/ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2024.n262.p573-591>.

## Resumo

A entrevista com Gustavo Gutiérrez, renomado teólogo da libertação, oferece insights valiosos sobre sua trajetória, o desenvolvimento da Teologia da Libertação e suas reflexões sobre a Igreja e a sociedade latino-americana. Gutiérrez relembra sua experiência pastoral, que fundamentou sua teologia, e discute a importância da opção preferencial pelos pobres, conceito central em sua obra. Ele aborda a complexidade da realidade latino-americana, marcada por avanços e retrocessos, e a necessidade de um compromisso cristão mais profundo diante dos desafios contemporâneos, como a globalização e a crescente desigualdade. Gutiérrez enfatiza a importância da esperança e da ação transformadora, destacando o papel dos pobres como agentes de sua própria libertação. A entrevista revela a teologia de Gutiérrez como uma reflexão crítica e engajada, que busca iluminar a prática cristã no contexto da luta por justiça social.

**Palavras-chave:** Teologia da Libertação. Opção pelos Pobres. Justiça Social.

## Abstract

The interview with Gustavo Gutiérrez, renowned liberation theologian, offers valuable insights into his trajectory, the development of Liberation Theology and his reflections on the Church and Latin American society. Gutiérrez recalls his pastoral experience, which founded his theology, and discusses the importance of the preferential option for the poor, a central concept in his work. He addresses the complexity of the Latin American reality, marked by advances and setbacks, and the need for a deeper Christian commitment in the face of contemporary challenges, such as globalization and growing inequality. Gutiérrez emphasizes the importance of hope and transformative action, highlighting the role of the poor as agents of their own liberation. The interview reveals Gutiérrez's theology as a critical and engaged reflection that seeks to illuminate Christian practice in the context of the struggle for social justice.

**Keywords:** Liberation Theology. Option for the Poor. Social Justice.

Gustavo Gutiérrez Merino Díaz nasceu no centro de Lima em 8 de junho de 1928, passou dos 12 aos 18 anos numa cadeira de rodas por conta de uma osteomielite, estudou

<sup>1</sup> Transcrição, tradução e notas de Iraneidson Santos Costa.

medicina e letras na Universidad Nacional Mayor de San Marcos, militou na Ação Católica, prosseguiu sua formação eclesial nas Universidades de Louvain (Bélgica) e Lyon (França), ordenou-se padre em 1959, foi pároco em Rímac, um bairro popular da capital peruana, e se tornou um dos maiores teólogos do século XX, tendo publicado dezenas de livros e artigos e ensinado em diversas universidades do mundo inteiro. Nessa entrevista inédita, realizada em sua residência, no bairro de Jesús Maria, em Lima, por Iraneidson Santos Costa, em 15 de julho de 2003, ele relembra momentos de sua trajetória, discute os aspectos centrais da Teologia da Libertação, sugere a complementação das bem-aventuranças do Evangelho com a adição de “Bem-aventurados os teimosos, porque deles é o reino de Deus!”, e nos recorda a sempre mirar a partir da base e perder a esperança jamais. Por ocasião de seu falecimento, aos 96 anos, em 22 de outubro de 2024, a imprensa burguesa peruana não publicou sequer uma nota de necrológio, numa última homenagem, evidentemente involuntária, a este homem que não apenas pregava o amor aos pobres em homilias, palestras e livros, vivia-o concretamente no cotidiano<sup>2</sup>.

*Padre, no Brasil temos um carinho imenso pelo senhor. E é um grande prazer escutá-lo.*

Obrigado, tenho muito bons amigos no Brasil.

*Gostaríamos de saber o que o senhor está fazendo atualmente?*

Estou ensinando teologia na Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos, isso em uma parte do ano. E a outra parte é aqui, em Lima, com atividades muito diversas, grupos, retiros, palestras, enfim. Deixei a paróquia na qual estive durante vinte anos porque isso significava uma continuidade que eu não posso ter agora. E nisso estou, estou tratando de escrever algo também, mas veremos daqui para frente, ainda não é uma situação definitiva, mas, no momento é interessante para mim.

---

<sup>2</sup> Para a trajetória e o legado de Gustavo Gutiérrez, ver o documentário “Gustavo Gutiérrez – Documental Retratos”, produzido e dirigido por Lucía Gómez Carbonell (Peru, Instituto Nacional de Radio y Televisión del Perú, 2015, 45’37), disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=YoikGiYF\\_eg](https://www.youtube.com/watch?v=YoikGiYF_eg).

*O senhor agora é dominicano, não é?*

Sim. Foi isso o que me levou a fazer mudanças naquilo que concerne a minha vida mais cotidiana...

*O senhor sempre falou que uma das espiritualidades nas quais se sentia mais confortável era a inaciana. E uma pergunta que se faz é porque se tornou dominicano e não jesuíta.*

Bom, o meu contato com os dominicanos é muito amplo. Meus professores nos cursos mais importantes de teologia eram dominicanos. E também a espiritualidade dominicana era muito importante para mim. Eu cito bastante a pessoa que foi muito decisiva para mim, o padre dominicano francês padre Chenu<sup>3</sup>. Então, a amizade pessoal era muito grande com os dominicanos. E também estive trabalhando sobre o frei Bartolomé de las Casas<sup>4</sup> por muitos anos e, bom, finalmente, havia que tomar uma decisão...

*Suas ideias são muito conhecidas e debatidas, mas nem tanto a maneira como o senhor chegou a essas ideias a partir de sua vida, de sua existência.*

Durante toda a minha vida eu tive fundamentalmente um trabalho de tipo pastoral. Toda minha vida como sacerdote Nunca havia sido professor de teologia numa faculdade de teologia, nunca havia ensinado antes, até 2001, quando fui nomeado professor numa faculdade de teologia pela primeira vez na vida. Sempre tive um trabalho pastoral com comunidades cristãs, com grupos de universitários, de operários, nos anos 60, que foram anos muito ricos na América Latina, e ao mesmo tempo difíceis, de muitas ideias, de muita

---

<sup>3</sup> O dominicano francês Marie-Dominique Chenu (1895-1990) foi um dos grandes teólogos católicos do século XX. Punido nas décadas de 1940 e 1950 pela Cúria Romana em virtude de suas ideias teológicas e de seus vínculos com a Juventude Operária Católica (JOC) e com os padres operários, terminou sendo reabilitado por ocasião do Concílio Vaticano II, no qual foi um dos peritos de maior influência.

<sup>4</sup> Bartolomé de las Casas (1474-1566) foi um frade dominicano sevilhano que chegou à ilha de La Hispaniola (atual República Dominicana) em 1502, retornou à Europa, onde se ordenou padre, regressou ao Caribe na condição de encomendero, mas depois converteu-se à causa dos povos originários americanos, tornando-se um dos maiores defensores destas populações junto à Corte de Castela, que o nomeou Protetor Universal de todos os Índios.

efervescência de ideias. E então essa teologia foi surgindo através de palestras, de conversas, de pequenos cursos, e pouco a pouco se foi armando...

Na etapa já mais decisiva da redação [do livro *Teologia da Libertação*<sup>5</sup>], a primeira palestra com o nome “Teologia da Libertação” eu tive ocasião de dar em julho de 1968. Imediatamente veio Medellín<sup>6</sup>, um mês depois. Então, eu, pessoalmente, cheguei a Medellín com uma primeira estrutura de *Teologia da Libertação*. E Medellín deu um grande impulso a essa perspectiva do pobre, da libertação, enfim, e nessa última etapa da redação do trabalho que leva esse nome eu tive muitos contatos na América Latina com cristãos comprometidos com o campo do social por meu desejo de conhecer um pouco as motivações mas também as dificuldades que encontravam. Foi algo assim...

Eu estive no Brasil todo o mês de maio de 1969, um ano muito difícil, eram meses depois do Ato Institucional número 5 de 13 de dezembro de 1968<sup>7</sup>. E vi muitos amigos que eu já conhecia de antes, e outros novos, claro, e tomava notas dessas pessoas. Eu creio que a teologia é uma reflexão sobre a prática. Bom, assim pouco a pouco foi se constituindo, digamos, este livro, que já levava anos... Já no início de 1964, numa reunião em Petrópolis, já falávamos bastante, e coisas assim... O tema do pobre na Bíblia eu trabalhei fortemente no ano de 1967, tudo isso foi acumulando, e foi dando como resultado o que foi chamado depois de Teologia da Libertação.

*Ou seja, a base dela foi seu trabalho com a pastoral?*

Meu trabalho pastoral, sim.

<sup>5</sup> *Teología de la Liberación. Perspectivas*. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones, 1971.

<sup>6</sup> A Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano ocorreu em Medellín, na Colômbia, entre 24 de agosto e 6 de setembro de 1968. Convocada pelo papa Paulo VI por insistência de dom Manuel Larraín Errázuriz, bispo de Talca (Chile), e dom Helder Pessoa Camara, arcebispo de Olinda e Recife, teve por tema “A Igreja na presente transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II” e contou com a participação de 87 bispos, 45 arcebispos, 6 cardeais, 71 sacerdotes e religiosos, 7 religiosas, 19 leigos e 11 observadores não católicos.

<sup>7</sup> O Ato Institucional Número Cinco (AI-5) foi decretado em 13 de dezembro de 1968 pelo governo do general-ditador Artur da Costa e Silva. Entre outras medidas, autorizava a cassação de políticos eleitos nas três esferas governamentais (federal, estadual e municipal), a intervenção nos governos de Estados e Municípios e a suspensão de direitos e garantias constitucionais individuais, a exemplo do *habeas corpus*.

*É possível dizer que existe uma geração de 68, não apenas de cristãos, mas também de padres e bispos proféticos?*

Sim, mas isso é um pouco encerrá-los cronologicamente. É possível dizer, mas não creio que consigamos assinalar claramente os membros da geração e tampouco as fronteiras dessa geração. Pode se dizer, sim, mas me parece que é uma coisa muito mais complexa.

*E como o senhor vê a nova geração?*

As novas gerações surgem imediatamente nos anos que seguem, depende do que entendemos por geração. Por exemplo, esses anos foram muito interessantes, mas muito difíceis na América Latina. Quando as pessoas dizem que a Teologia da Libertação e Medellín tiveram lugar numa época otimista da América Latina estão totalmente equivocadas. Porque vivíamos o pior momento da ditadura brasileira, tínhamos Onganía<sup>8</sup> na Argentina, a matança de Tlatelolco<sup>9</sup> em México; naturalmente, Somoza<sup>10</sup>, Papa Doc<sup>11</sup> e Stroessner<sup>12</sup> estavam todos no poder. Ou seja, não cabe dizer que politicamente era um momento favorável. Essa é uma afirmação que se repete às vezes, e que é uma grande ingenuidade. O que era importante – e isso, sim, é verdade –, é que essa época estava muito próxima às transformações produzidas graças ao Concílio Vaticano II<sup>13</sup>. Desse ponto de vista, sim, havia um impulso interessante.

---

<sup>8</sup> Juan Carlos Onganía Carballo (1914-1995) foi um general-ditador que exerceu o cargo de presidente da Argentina entre 1966 e 1970, quando foi deposto por outro golpe militar.

<sup>9</sup> A Matanza (ou Massacre) de Tlatelolco foi um crime de Estado perpetrado no dia 2 de outubro de 1968 pelo governo do presidente mexicano Gustavo Díaz Ordaz. Membros do Exército e grupos paramilitares mexicanos abriram fogo contra centenas de estudantes desarmados que protestavam, na Praça das Três Culturas, em Tlatelolco, contra a realização dos Jogos Olímpicos de 1968, resultando em cerca de 300 a 400 mortos e mais de mil feridos.

<sup>10</sup> Anastasio Somoza Debayle (1925-1980) foi o terceiro e último membro da dinastia somozista que exerceu o poder ditatorial na Nicarágua desde 1937. Depois de ser deposto pela Revolução Sandinista em julho de 1979, partiu para o exílio no Paraguai stronista, onde foi assassinado no ano seguinte.

<sup>11</sup> François Duvalier (1907-1971) foi um médico e político que exerceu o mandato de presidente constitucional do Haiti entre 1957 e 1963, quando se autoproclamou presidente vitalício, tendo governado de maneira despótica até sua morte, em 1971, tendo sido substituído no cargo por seu filho, Jean-Claude Duvalier, conhecido como Baby Doc.

<sup>12</sup> Alfredo Stroessner Matiauda (1921-2006) foi um general-ditador que exerceu o cargo de presidente do Paraguai entre 1954 e 1989, quando foi deposto por uma insurreição militar.

<sup>13</sup> Convocado pelo papa João XXIII com o objetivo de promover a atualização (*aggiornamento*) da mensagem católica no mundo moderno, o Concílio Vaticano II ocorreu entre 11 de outubro de 1962 e 8 de dezembro de

Mas, imediatamente depois, nos anos 1970, outras pessoas foram aparecendo, e até hoje, no campo da teologia temos atualmente muitas pessoas na América Latina que trabalham neste horizonte do pobre e da libertação. Desde o começo, o ponto central da Teologia da Libertação foi uma reflexão sobre o significado bíblico da pobreza, o que isso significava para a vida cristã, para uma leitura da mensagem cristã, e o compromisso a que isso levava. Isso permaneceu todos estes anos, e tem se aberto a situações muito concretas de pobreza. Porque pobreza na Bíblia e, por conseguinte, na Teologia da Libertação, não se reduz ao aspecto econômico. A pobreza é uma situação de insignificância social, digamos, e se pode ser insignificante porque não se tem dinheiro, pela cor da pele, porque se fala mal a língua dominante num país (isso conhecemos bem no Peru), porque se é mulher, porque se pertence a uma determinada cultura, como as culturas indígenas na América Latina, tudo isso são razões de insignificância.

E nestes últimos anos tivemos, de forma muito interessante, trabalhados que não aprofundado esse aspecto da pobreza em sentido amplo, portanto. Do ponto de vista cultural, temos intentos muito ricos de teologia índia, teologia negra, teologia da mulher na América Latina. Além de teologia, em geral, da insignificância. Então, não creio que possamos distinguir uma geração, outra, uma terceira, uma quarta, é um processo muito mais contínuo, e seguimos todos, inclusive aqueles que pela idade estivemos nas primeiras etapas, e seguimos presentes, aprendendo e dialogando com as novas realidades e os novos esforços teológicos.

*De qualquer modo, poderíamos dizer que, naqueles anos próximos ao Concílio Vaticano II e aos desdobramentos de Medellín e Puebla<sup>14</sup>, não havia um descompasso entre a hierarquia da Igreja Católica e os desafios do mundo, como parece se verificar atualmente?*

---

1965. Realizado ao longo de quatro sessões e encerrado já sob o papado de Paulo VI, contou com uma média de assistência de cerca de dois mil padres conciliares do mundo inteiro e consagrou a noção de “Povo de Deus”.

<sup>14</sup> A Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano ocorreu em Puebla de los Angeles, no México, entre 27 de janeiro e 13 de fevereiro de 1978. Igualmente convocada pelo papa Paulo VI para ser realizada em outubro de 1978 sob o tema “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”, terminou adiada para o ano seguinte em virtude do seu falecimento e do brevíssimo pontificado do papa João Paulo I, tendo contado com a participação de 404 pessoas, 187 das quais com direito a voz e voto.

Sim e não. Vejamos: há menos pronunciamentos talvez, porque houve muitos neste período, entretanto, da parte de numerosos cristãos notamos os mesmos ou mais compromissos. Eu creio que a segunda metade dos anos 1960 e o tempo que se sucedeu motivou a muitos cristãos a comprometer-se. Tivemos, naturalmente, nesses anos, muito mais cristãos que deram sua vida por estas opções. Se tomamos o ano de 1968, o que chamávamos o “martírio latino-americano” estava apenas começando. Estou falando de uma riqueza dolorosa do martírio, mas é uma riqueza. Temos o caso de Henrique Pereira Neto<sup>15</sup>, a quem dediquei meu livro *Teologia da Libertação*, amigo meu, um sacerdote jovem, de 27, 28 anos, de Recife, que foi assassinado. Mas isso continuou, e também faz parte da presença da Igreja, não apenas os comunicados.

Então, há certamente em alguns aspectos retrocessos, em outros avanços também. E é preciso dizer isso claramente porque as pessoas muito eclesiais se pautam sobretudo pelos planejamentos e documentos. Mas, a Igreja somos todos, de maneira que, se tomamos o conjunto da Igreja, bom, há coisas hoje em dia mais ricas que um tempo atrás e outras menos, isso é verdade.

*Certo, mas, no caso do Celam<sup>16</sup>, por exemplo, depois do cardeal Alfonso Trujillo não houve muito seguimento...*

Claro, mas é o mesmo caso. Não se pode resumir a Igreja ao Celam. Então, onde ficam – o que gostamos tanto de falar – as comunidades cristãs, o que no Brasil se chama Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)? Aqui se conhece a expressão mas se usa menos. Onde elas estão? Isso não é Igreja, então? Somente o Celam serviria de referência? Parece-me uma visão bem pobre. Por isso digo que, naturalmente, tivemos no Celam silêncio frente a uma

---

<sup>15</sup> Antônio Henrique Pereira da Silva Neto (1940-1969) foi um padre católico pernambucano, coordenador da Pastoral da Juventude e assistente pessoal do arcebispo de Olinda e Recife dom Helder Camara. Por conta de sua militância pelos direitos humanos e denúncia da violência praticada pelas forças repressivas da ditadura civil-militar brasileira, foi sequestrado na noite de 26 maio de 1969, torturado e morto na madrugada do dia 27 de maio de 1969 por um grupo do Comando de Caça aos Comunistas e por agentes da polícia civil de Pernambuco.

<sup>16</sup> O Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (Celam) é um organismo colegiado da Igreja Católica que reúne os bispos da América Latina e Caribe. Sediado em Bogotá, foi a primeira conferência episcopal continental do mundo católico, tendo sido fundada em 1955, antes, portanto, da realização do Concílio Vaticano II, que normatizou a colegialidade.

série de coisas, menos interesse, mas também tem havido coisas interessantes. Oscar Rodríguez<sup>17</sup>, atualmente cardeal arcebispo emérito em Honduras, foi presidente em Celam, e essa presidência foi muito interessante. As condições mudaram, certamente, mas não podemos ter como referência da presença da Igreja na América Latina somente alguns setores da Igreja. Essa é uma tendência muito comum, fácil e equivocada.

*Então, o senhor não concorda com esta opinião de que as CEBs estão decrescendo...*

... não, mas não apenas eu, você seguramente conhece o artigo de Luiz Alberto Gómez de Souza<sup>18</sup> que se chama "As Comunidades Eclesiais de Base vão bem, obrigado"<sup>19</sup>. Esse artigo prova claramente que é muito fácil dizer, porque num lugar já não há, ou há menos, de que já não existe... não sei o que as pessoas esperam! Isso no Brasil. Bom, eu diria o mesmo em outras situações também. Mas, veja você, o oposto de dizer que já não existe é dizer que estamos melhores do que nunca! Não é isso o que eu digo. O que eu afirmo é que a situação é muito complexa e que há um pouco de tudo. Em 1968, as comunidades cristãs na América Latina eram muito poucas, inclusive no Brasil. Hoje há dez vezes mais do que em 1968. Simplesmente porque, bem, estas coisas de teologia, sobretudo, gestos como Medellín, Puebla, enfim, deram uma força.

No entanto, que haja retrocessos na América Latina, desse nosso ponto de vista, estou convencido. O que quero dizer é que estamos falando de uma realidade muito grande, não é verdade? E, portanto, há muitas coisas. É isso que quero dizer com complexidade. Por exemplo, os setores indígenas da América Latina – me refiro aos setores mais militantemente cristãos – possuem atualmente uma consciência de sua condição bastante grande, que não existia sessenta anos atrás. O mesmo se passa com os negros na América Latina, o que vocês chamam "afro-americanos, uma consciência que não havia. Isso o que é? Não é positivo?

<sup>17</sup> Óscar Andrés Rodríguez Maradiaga é um cardeal salesiano hondurenho nascido em 1942, tendo sido arcebispo de Tegucigalpa (1978-1993), secretário-geral (1987-1991) e presidente (1995-1999) do Celam.

<sup>18</sup> Luiz Alberto Gómez de Souza (1935-2020) foi um intelectual e militante católico brasileiro. Doutor em sociologia, foi secretário geral da Juventude Estudantil Católica Internacional (JECI) em Paris, dirigente nacional da Juventude Universitária Católica (JUC), funcionário da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) e da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) e assessor de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Pastorais Sociais e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

<sup>19</sup> SOUZA, Luiz Alberto Gomes de. As CEBs vão bem, obrigado. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, Vozes, v. 60, fasc. 237, p. 93-110, mar. 2000.



Atualmente temos trabalhos sumamente interessantes de reflexão teológica sobre a mulher na América Latina. Isso não existia há quarenta anos. Isso o que é? Retrocesso?

A realidade é mais complexa. Mas, aí, se fala, e o Celam? Sim, mas não é a única realidade eclesial. É um dos pontos, e mesmo aí também é complicado. Primeiramente, eu admito que ocorreram as dificuldades que você mencionou. Parece-me que devemos evitar análises simplistas de uma realidade que é complexa e na qual há um pouco de tudo. Os exemplos que acabo de dar, o martírio latino-americano, parece pouca coisa. E que continue havendo cristãos que chegam a dar sua vida pelo compromisso com os pobres... isso não te parece um gesto eclesial ou cristão de grande importância? Bom, isto está bien.

*Ou seja, olhar a partir dos pobres...*

Mirar desde a base, que é o que sempre dissemos que tem que fazer. No entanto, as pessoas são esquizofrênicas, não? Querem falar a partir de baixo, mas, quando falam da Igreja, falam da cúpula, nada mais, um pouco curioso... É preciso, pelo menos, ser coerente! Mas não somente desde a base, eu diria desde a totalidade. Um tema como o da opção preferencial pelo pobre... o tema, a ideia, evidentemente, é bíblica, não pertence a nenhuma teologia. Mas a formulação vem da América Latina. A formulação “opção preferencial pelo pobre” vem da reflexão teológica que fizemos na América Latina, concretamente, a Teologia da Libertação. Pois, essa perspectiva se encontra hoje em dia mais presente do que anos atrás. Inclusive se repete. Eu sei que não basta dizê-lo, o importante é a prática, eu sei. E o perigo das ideias interessantes – como amor, paz, justiça – é que não podemos falar delas se não as praticamos! Mas, ao mesmo tempo, sua presença também nos textos, nos comunicados, na recepção das comunidades cristãs, da opção preferencial pelo pobre, prova que aí há uma presença importante, que não havia cinquenta anos atrás.

Tu vê? O que quero dizer é que há coisas que vão e que vêm. Não quero dar a ideia (porque não é minha ideia) de que “Tudo vai bem!”. Se eu tive pessoalmente tantos problemas, como posso dizer que tudo vai bem? Se eu faço parte do grupo que enfrentou dificuldades ao longo de todos estes anos? E, no entanto, não posso estender os meus problemas pessoais a toda a Igreja. Porque eu tive problemas, a Igreja tem problemas? Claro que não! A Igreja é mais do que eu. Há um pouco de tudo, isso é o que quero dizer...

E, para terminar este ponto (porque não quero passar a ideia de um otimismo fácil), o que está por fazer é muito mais do que o que fizemos até agora, nisso estou inteiramente de acordo. É muito pouco o que foi feito! Apesar do interessante destes compromissos, destas reflexões, é pouco diante do que necessitaria, não é certo?, a realidade dos pobres na América Latina. Nisso, sim, estou inteiramente de acordo.

*Ou seja, não devemos, então, ficar neste maniqueísmo entre uma visão otimista ou pessimista, mas, do ponto de vista dos pobres, da sociedade latino-americana como um todo, parece que nos encontramos hoje numa situação bastante dolorosa, não?*

Sim, isso está correto...

*Eu não queria comparar, mas, nos anos 1960, pelo menos, parece que tínhamos alternativas, saídas...*

Bom, mas esse é outro terreno, esse é outro mundo, é o mundo em que está a Igreja. E, atualmente, a Igreja está num mundo em que a pobreza se tornou maior, em que a distância entre pobres e ricos é maior, em que domina um pensamento que exclui os pobres. Ah, sim, quanto a isso estou inteiramente de acordo. Estamos falando agora de outra realidade, do que chamamos normalmente "mundo", enfim – onde a Igreja se encontra... Toda a nossa conversa até agora foi "Como está a Igreja neste momento?". Agora estamos falando disso, e não há dúvida sobre isso... Agora, neste aspecto, a única coisa que se mantém interessante, apesar de tudo, mas também com dificuldade, é que a consciência dos pobres da América Latina a respeito da situação desumana em que vivem é muito maior do que há sessenta anos. Claro, a consciência não é suficiente para transformar uma realidade. A realidade piorou, mas, em muitos setores, a consciência aumentou.

Mas, ao mesmo tempo, já estamos falando de toda a influência de todos os poderes econômicos, de todos os poderes de meios de comunicação que temos neste mundo, e que, naturalmente, são forças imensas, que complicam o panorama. Digo que, de alguma maneira, a consciência dos pobres sobre sua condição e sobre as causas da pobreza cresceu é porque uma coisa que mudou radicalmente – não apenas entender a pobreza – foi começar a falar das causas da pobreza, causas humanas, e eu sempre entendo por pobreza esta

situação complexa, não apenas econômica. Esta realidade é muito dura hoje em dia, e precisamos confrontá-la. E isso vai exigir da Igreja – dos cristãos, quero dizer, quando digo da Igreja me refiro ao conjunto dos cristãos – compromissos muito maiores do que no tempo anterior, e não sei se estamos em condições de fazê-lo...

*O senhor concorda que esse crescimento de consciência significa também reconhecer que, na década de 1960, falávamos dos pobres de maneira mais simplista, e que terminamos percebendo que eles possuíam muito mais caras, muitos mais rostos, ou desde aquela época já se tinha consciência disso? Ou seja, é possível falar dos "pobres" como sujeitos, ou precisamos detalhar quem são estes pobres... os negros, os indígenas etc.?*

Bom, é preciso detalhar, indiscutivelmente, mas essa ideia estava também em princípio antes. Se você toma velhos textos da Teologia da Libertação – permita-me que diga que está no livro que escrevi –, eu falo aí de raças marginalizadas e de culturas desprezadas. E, cinco anos mais tarde, na metade dos anos 1970, falo da mulher dos setores pobres como duplamente oprimida e marginalizada. Então, a ideia está, mas, naturalmente, as ideias têm que ser aprofundadas, e essa é a riqueza atual nessa perspectiva, que essas dimensões tenham sido aprofundadas, mais bem trabalhadas...

Todavia, todo esse mundo é um mundo de insignificância social, um mundo de pobreza no sentido bíblico e teológico do termo. Não quero dizer que tudo é igual, mas, de qualquer maneira, participa desse mundo. E a riqueza atual que eu vejo nos setores cristãos, especificamente nesse caso em teologia – que é sempre um ponto menor, importante, porém menor – é justamente que se dedicaram a aprofundar aspectos concretos da pobreza, como os que eu mencionei agora e que você acabou de recordar, isso é certo...

*Para além de toda a discussão da Igreja, quais seriam as saídas que se colocam para os povos latino-americanos quando, por exemplo, cresce a exploração, inclusive a militarização do continente? Quais são as luzes que vêm dos pobres?*

Bom, por aí, creio que é necessário fazer algumas precisões. Há saídas que são de ordem político, social, econômico etc., que se movem nesse campo, sobre o qual a teologia possui uma relação, mas não há nenhuma teologia que diga "esse é o programa econômico

que tal país deve seguir para poder avançar”. O prático da teologia se dá através do anúncio da palavra, através da evangelização. Então, vou começar pelo que a evangelização pode fazer.

Há certas coisas que são fundamentais, que seguem sendo, estavam presentes anteriormente, mas que precisam adquirir alguns matizes de acordo com a atual situação. Há algo que foi feito na América Latina nas últimas décadas que parece muito simples, mas que é muito importante, e é dizer a toda a América Latina, em particular aos pobres, que a pobreza é um mal, nunca é bom ser pobre, e que a pobreza não é querida por Deus. Isso é muito importante para um pobre, muito importante. Possivelmente os intelectuais não se deram conta da importância disso. Entretanto, é muito importante porque para muitos deles a pobreza é uma fatalidade: nasceram pobres, deram azar! E quando se diz e se trabalha pastoralmente nessa perspectiva – estou pensando numa série de caminhos pastorais que foram tomados para dizer isso – que a pobreza não é querida por Deus e que devemos mudar a situação, que é o que a Igreja latino-americana afirmou em Medellín –, isso me parece fundamental.

Porém, naturalmente, não basta isso. Continua sendo válido, continua sendo importante dizê-lo, ao mesmo tempo que, desde o ponto de vista então da mensagem cristã, há que confrontar a atual situação da maneira como a globalização, por exemplo, é utilizada. Digo “a maneira como é utilizada” porque muitos aspectos da globalização são fatos, são como a energia elétrica. A facilidade de comunicação e informação é um valor em si, mas apenas os poderosos deste mundo o empregam para excluir uma parte da humanidade, aqueles que chamamos “os excluídos”, que é outro aspecto da pobreza. Mas isso não altera a noção de pobre. O excluído é um pobre, pois, é um insignificante.

A Igreja tem que denunciar, e não está fazendo. Pessoas dentro da Igreja, comunidades, bispos, enfim, de quando em quando aparece algum texto mais coletivo também. Mas é preciso denunciar isso que se chamou também “o pensamento único”, de que “não existe alternativa possível”. Existem pessoas que estão lutando contra isso. Eu estive no Terceiro Fórum Social de Porto Alegre<sup>20</sup>, e por aí há uma pista sumamente interessante:

---

<sup>20</sup> O Fórum Social Mundial (FSM) é um evento organizado por movimentos sociais do mundo inteiro com o objetivo de elaborar alternativas para uma transformação social global sob o slogan de “Um outro mundo é possível”. Concebido inicialmente como um contraponto ao Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça, já

“Outro mundo é possível!”. E aí isso é compartilhado com pessoas que não vêm de um mundo cristão necessariamente, mas que é uma coisa humana. Estou falando do ponto de vista do anúncio da palavra, porque cada cristão pode e deve assumir compromissos políticos e econômicos concretos. O que nos corresponde do ponto de vista do Evangelho é denunciar a contradição entre esta situação inumana, que é a pobreza, e o anúncio da vida, porque esse é o coração da evangelização. Essas denúncias, então, são formas de anunciar o Evangelho. E há que ser muito firme sobre isso. São poderes tão grandes que as pessoas têm medo de enfrentar estas coisas, também na Igreja.

*O terceiro Fórum também foi em Porto Alegre em janeiro e contou com cem mil participantes; 20 mil delegados de 123 países e 4.000 jornalistas credenciados. Foram 1.300 atividades autogestionadas (oficinas e seminários), 10 conferências, 22 testemunhos, 4 mesas de diálogo e controvérsia, 36 painéis e diversas outras atividades culturais.*

Outra coisa. O que aconteceu com a Guerra do Iraque<sup>21</sup>, por exemplo. O comportamento pessoal do papa João Paulo II foi extraordinário. Fez críticas diariamente no momento da iminência da guerra, declarando a imoralidade da guerra preventiva. Entrevi falando com chefes políticos como Aznar<sup>22</sup> e Blair<sup>23</sup>, por exemplo, e enviando delegados cardeais a Washington e Bagdá. Eu creio que essa é uma questão muito importante e interessante. Eu diria que ele não foi seguido em grande medida por setores eclesiais ou

---

foi realizado no Brasil (em 2001, 2002, 2003, 2005, 2012, 2014, 2016, 2017, 2022 e 2023 em Porto Alegre; em 2009, em Belém; em 2018, em Salvador; e em 2019, no Rio de Janeiro), na Índia (em 2004, em Mumbai), no Quênia (em 2007, em Nairóbi), no Senegal (em 2011, em Dakar) e na Tunísia (em 2013 e 2015, em Túnis). Em 2006 o evento foi policêntrico, tendo ocorrido na África (em Bamako, no Mali), Ásia (em Karachi, no Paquistão) e América Latina (em Caracas, na Venezuela), e em 2010 foi descentralizado, com a realização de pelo menos 27 eventos espalhados pelo mundo. O FSM 2020 foi sediado novamente em Porto Alegre com o título de Fórum Social das Resistências e, no ano seguinte, por conta da epidemia da Covid 19, foi realizado de forma virtual. Em 2024, o FSM ocorreu em Katmandu, no Nepal.

<sup>21</sup> A Guerra do Iraque, também conhecida como Segunda Guerra do Golfo ou Operação Liberdade do Iraque, foi um conflito militar iniciado em março de 2003 pela invasão do Iraque por uma coalização militar multinacional liderada pelos Estados Unidos e encerrado em dezembro de 2011 com a retirada das tropas norte-americanas do território iraquiano após oito anos de ocupação. A invasão teve como objetivo derrubar o regime de Saddam Hussein e eliminar as armas de destruição em massa que, segundo os Estados Unidos, o Iraque possuía.

<sup>22</sup> José María Alfredo Aznar López é um político espanhol, tendo sido presidente de seu país entre 1996 e 2004 e líder do Partido Popular (PP) de centro-direita entre 1990 e 2004.

<sup>23</sup> Anthony Charles Lynton Blair, mais conhecido como Tony Blair, é um político britânico, tendo sido primeiro-ministro do Reino Unido entre 1997 e 2007 e líder do Partido Trabalhista de 1994 a 2007.

episcopais importantes. Sinto falta, por exemplo, de um documento com a mesma clareza do episcopado norte-americano. Não lembro. Temos tido intervenções de bispos particulares, mas não foi lançado um documento com essa mesma força. No entanto, se digo isso não é tanto para dizer que não houve, senão que devemos ter.

Creio que na América Latina é importante o que você acabou de dizer, essa militarização é muito séria. Estou convencido de algo penoso e é que, depois da Guerra do Iraque, não somos os mesmos. O que levou à Guerra do Iraque, esta situação, este poder de uma única potência, sem alternativa, cria um problema muito sério para a humanidade em geral, e naturalmente para os mais fracos da humanidade, que são os pobres, fracos no sentido de que socialmente não têm força, ou não a têm senão reunidos e buscando coisas para o futuro. Tudo isso é um campo a ser trabalhado. Hoje em dia há muitas pessoas na América Latina que são adeptas desta linha de reflexão teológica na América Latina, mais ou menos no marco da Teologia da Libertação, que é sobre ética e economia. E que me parece sumamente urgente, porque não se vai dizer, claro, “na economia é preciso respeitar a moral!”. Bom, nisso estamos de acordo, mas... em termos concretos, o isso significa?

*A Guerra do Iraque, também referida como Ocupação do Iraque ou Segunda Guerra do Golfo, ou Terceira Guerra do Golfo ou ainda como Operação Liberdade do Iraque, foi um conflito que começou no dia 20 de março de 2003 com a invasão do Iraque, por uma coalizão militar multinacional liderada pelos Estados Unidos, e se estendeu até dezembro de 2011, resultando na deposição do governo do Partido Baath e a execução de Saddam Hussein e deixando um saldo de mais de 100 mil mortos, outra centena= de refugiados, além de grandes danos infraestruturais.*

Essa é uma ideia muito interessante na reflexão latino-americana atual, que não tínhamos, como é normal, da mesma maneira, há quarenta ou cinquenta anos, porque a situação era distinta. Isso é o que tenho a dizer sempre que se trata de uma coisa dinâmica, que evolui, que avança, que retrocede, que é complexa. Aí há trabalhos imensos e, já o mencionei, mas quero dizer outra vez, a situação atual é um chamado para os cristãos se comprometerem politicamente em seus países. Creio que há uma espécie de despolitização que vem da ideia da modernidade – as pessoas são céticas, frustração de fracassos dos projetos políticos, corrupção no mundo político – que levou muita gente a abandonar esse

campo. Isso me parece muito grave. As coisas não vão mudar se as pessoas não se meterem nisto, certo?

*Quando falamos de pobreza, uma expressão muito usada é "combater a pobreza". No Brasil temos hoje um governo do Partido dos Trabalhadores...*

... que é uma grande esperança para a América Latina, não só para o Brasil...

*Exato. Mas a pobreza é para ser combatida (e a tendência quando se fala em combater a pobreza é algo de cima para baixo) ou superada?*

Em primeiro lugar, um dos pontos centrais da Teologia da Libertação, quando nasceu, é que o pobre deve ser agente de sua própria história. E eu creio que isso permanece. Não digo que tenha sido uma novidade, digo que a Teologia da Libertação recorreu essa ideia, que o pobre deve ser ator da sua própria libertação e deste combate à pobreza. Agora, ao mesmo tempo, quem pode negar que o poder político tem meios para contribuir para essa eliminação da pobreza? Não podemos unicamente pensar que serão os pobres sozinhos... a coisa é muito grande. E, além disso, hoje em dia é internacional. Acabo de dizer, porque assim acredito, que o governo Lula é uma grande esperança. Ao mesmo tempo me dou conta de que ele vai defrontar-se com grandes poderes econômicos e políticos ao interior do país e fora dele. Muito mais do que em anos passados. Atualmente as nações são muito menos... nunca foram totalmente autônomas, mas hoje em dia são muito menos autônomas em sua economia do que no passado. Por isso, vamos enfrentar poderes muito imensos.

Contudo, se os pobres mesmos não são atores da sua própria libertação, então, não conseguimos ir muito longe, não? Não se trata de substituir a assistência social privada pela assistência pública. Isso é uma obra de muito tempo, sem dúvida algumas, mas, creio que requer essa ideia de que toda pessoa, e por conseguinte os pobres, deve ser agente de seu próprio destino. Isso é capital para este combate, para esta eliminação da pobreza.

*Em geral, conhecemos muito pouco a conjuntura peruana das comunidades cristãs. Como está a Igreja no Peru atualmente?*

Um pouco como eu disse anteriormente a respeito da América Latina. Em linhas gerais é isso, depois haveria que detalhar mais. E, como em todas as partes, há lugares ou dioceses que são mais ativas em função do apoio que recebem dos projetos pastorais, outras menos, mas isso acontece em todas as partes. Eu creio que as paróquias nos setores populares têm uma vida muito grande e um poder de convocação muito grande. Quando entramos em contato com essas paróquias para conversar sobre as questões do país, sobre a Bíblia etc., sempre tem muita gente presente. Claro, alguém sempre pode dizer, “somos milhões e milhões”, ou seja, que não é muito, mas depende do ponto de vista. No entanto, o poder de convocação das paróquias populares é muito grande. E, ao mesmo tempo, há também o processo do qual falei anteriormente: também há lugares que foram bastante ativos anos atrás e que hoje, por razões eclesiais e de pessoas, não o são mais, atualmente não são mais. É claro que isto também existe...

*Eu não queria tomar novamente a Igreja por sua hierarquia mas é preciso falar da Opus Dei<sup>24</sup>. Não é que no Brasil não haja bispos integristas ligados à TFP<sup>25</sup>, mas nos surpreende a quantidade de bispos peruanos pertencentes à Opus Dei...*

Isso é verdade, e nos preocupa muito. Este tipo de grupos – para dizê-lo com uma palavra mais ou menos exata, mas, sobretudo, fácil – conservadores, digamos, ganharam muita força, isso é certo. Mas daí a dizer que toda a Igreja é isso é um erro. Mas, de fato, ganharam muita força, e o você menciona é o caso. E vivemos essa realidade dura, dolorosa, no Peru, isso é verdade.

*Por outro lado, do lado do otimismo, como se encontra o rosto indígena cristão no Peru?*

---

<sup>24</sup> A Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei é uma prelazia pessoal da Igreja Católica fundada em outubro de 1928 pelo sacerdote espanhol Josemaría Escrivá de Balaguer (canonizado em 2002). Teologicamente integrista e politicamente conservadora, consiste numa instituição hierárquica composta por sacerdotes e leigos (casados ou solteiros), tendo como finalidade participar da missão evangelizadora da Igreja.

<sup>25</sup> A Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) é uma organização católica fundada em São Paulo em 1960 pelo jornalista e deputado federal Plínio Corrêa de Oliveira. De matriz tradicionalista, integrista e anticomunista, sofreu uma grande cisão após a morte do seu fundador, em 1995.



Crescendo – para meu gosto – demasiado lentamente. Creio que se deveria aprofundar mais e aceitar mais isso. Agora, isso se deve também a razões históricas e políticas do país. Contudo, não temos, por exemplo, no Peru, um movimento indígena como o que existe no Equador. São realidades distintas, mas não há nada semelhante. E já não me refiro a questões eclesiais. Naturalmente, são coisas sociais que repercutem, porque são as mesmas pessoas. A Igreja não é formada por umas pessoas e a sociedade por outras. Ou seja, que tudo isso repercute. E me parece que existe aí, por exemplo, um trabalho todavia imenso. Está sendo feito, mas creio que há debilidades nessa consciência, nesse mundo, mas, enfim, tampouco quero desconhecer os avanços locais que têm ocorrido a respeito disso e a qualidade do trabalho das pessoas que provêm desses setores. Tudo isso é verdade, mas ainda falta muito certamente...

*Uma última pergunta. Que que sinais proféticos de esperança temos atualmente?*

Para falar de esperança penso que temos que começar por uma análise da realidade. Eu creio que há muitas visões sumárias da América Latina, que não querem ver a complexidade, e que partem mais de emoções ou de problemas pessoais que da situação real. É preciso ter uma visão da complexidade da realidade latino-americana. O que quero dizer é que há dentro disso um pouco de tudo, mas, se não pisamos terra, não há onde enraizar uma perspectiva de esperança. E, nessa análise de realidade, ver os pontos, digamos, que hão de ser combatidos, inclusive nessa realidade, porque são negativos ou retrocessos, mas também as possibilidades que temos de avançar a partir deles.

Creio que este é um ponto central. Outro ponto é certamente manter a positividade. E isso, às vezes, o mundo mais intelectual tem um pouco de dificuldade para entender. Quando uma pessoa trabalha muito com a cabeça pode ser muito negativa na análise e continuar trabalhando. Mas no mundo popular não é assim. Se você diz “Não há saída!”, então, cada um vai pra sua casa, acabou! O intelectual segue ensinando. E continua dizendo pelos próximos dez anos “Não há saída!”. E continua escrevendo. E discute suas ideias. Mas, a este nível, não! Não se trata de dizer coisas falsas, não é isso o que eu digo. Não se trata de dizer-lhes que há, quando naquela situação não há, mas, sim, de ver um pouco os pontos positivos para isso, que nos permitam caminhar para frente. Eu creio que uma das coisas mais sérias deste tempo, entre tantas, é que os setores poderosos – economicamente,

politicamente, socialmente, cristãmente também –, muitos deles operam uma espécie de roubo do projeto, da utopia, se combate a utopia... , claro, entendamos também, no melhor sentido que ela tem.

Eu creio que é um roubo gravíssimo! Eu o vi muitas vezes em pessoas combatendo estas ideias, e dizendo: "Não há nada a fazer!", "Não existe alternativa ao que ocorre atualmente!". Isso, francamente, é debilitar na América Latina o esforço popular de seguir adiante. Os únicos que querem mudar a situação são aqueles que estão mal, não? Há uma coisa que se diz por aí, com toda a razão, que a definição mais fácil e mais compreensível do que são os conservadores: são aqueles que conservam. Mas conservam seus privilégios. E, claro, não querem que eles sejam questionados. Parece-me que não há esperança se não houver, ao mesmo tempo, projetos. Projetos que podem mudar e devem mudar segundo as situações. Mas o projeto supõe um certo descontentamento com uma situação inumana de pobreza. E, então, aí haveria que falar da esperança cristã...

Mas a esperança cristã não está no ar. Se não há uma análise da realidade, se não há uma perspectiva de projeto ou utópica, a esperança tampouco se encarna. Eu não posso dizer "Tenham esperança!"... e vou fazer outra coisa. Com isso não consigo nada. Creio que é isso que dá corpo àquilo que nós cristãos chamamos de esperança, que é uma graça. Às vezes as pessoas dizem "Mas, nesta situação de crise, que esperança podemos ter?". Bom, mas justamente a esperança é para os momentos de crise, que gracioso! Quando as coisas vão bem não se sente tanta falta. Mas quando vão mal, aí sim...

Então, penso que aqui há algo importante a ser feito. Mas, nesse sentido, temos de ser... não otimistas fáceis, não se trata disso, senão de ver onde a realidade nos conduz. Se não tivéssemos visto as coisas assim sessenta anos atrás não teríamos feito o que fizemos. Você não imagina, por exemplo – porque eu vou manter os nomes em segredo, claro –, não imaginas as pessoas que pensaram, quando foram a Medellín, que em Medellín não havia nada a fazer, que íamos perder nosso tempo. E depois escreveram lindos artigos sobre Medellín. Mas antes disseram: "Que vamos fazer lá, assim não se consegue nada, não há nada a fazer!". Bem, os que dizem que não há nada a fazer sempre acertam pela metade, sempre. Porque é verdade que há muitas coisas que não se consegue...

Eu sou um convencido de que não há que perder as batalhas antes de travá-las. E tem gente que faz isso a cada instante. Dizem antes: "Vai dar certo? Ah, não, não vamos conseguir, não vamos conseguir!". Para mim essa é a carne da esperança, quer dizer, é o que

dá corpo a uma perspectiva que eu creio ser tão importante no mundo do pobre. O risco é converter a esperança numa utopia dos céus, sem contato com a realidade, isso sim é um risco. Contudo, ao mesmo tempo, creio que haja muita coisa aí, acredito que é uma esperança que tem que se encarnar em tenacidade! Se me permite dizê-lo assim, creio que as bem-aventuranças no Evangelho são um testemunho muito bonito, mas me parece que falta uma: “Bem-aventurados os teimosos, porque deles é o reino de Deus!”. Eu, francamente, creio que, sem teimosia – e uso a palavra *teimosia* para provocar, porque poderia dizer suavemente *fidelidade, perseverança*, palavras bonitas – mas, sem teimosia, isto é, sem estar aí, “Vamos, vamos!”, ainda que nos piores momentos, as coisas não acontecerão, as coisas não acontecerão...

*Muito obrigado, padre!*

De nada!

## Dados de autoria

Iraneidson Santos Costa

Doutor em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professor do Departamento de História e da Pós-Graduação em História da UFBA. E-mail: [icosta@ufba.br](mailto:icosta@ufba.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9484-9424>.